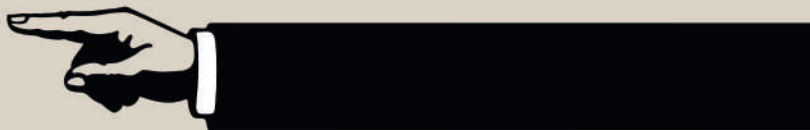


PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

HEINRICH BÖLL

A



HONRA

PERDIDA DE

KATHARINA

BLUM



cavalo de ferro

As personagens e a acção desta narrativa são fictícias. Se da descrição de certas práticas jornalísticas tiverem resultado semelhanças com as práticas do jornal *Bild*, tais semelhanças não foram intencionais nem tão-pouco casuais, são antes uma inevitabilidade.

1

Para o relato que se segue existem algumas fontes acessórias e três fontes principais; estas últimas serão aqui indicadas, no início, mas não voltarão depois a ser mencionadas. As fontes principais são: os autos de interrogatório da Polícia, o Dr. Hubert Blorna (advogado), bem como Peter Hach (procurador do Ministério Público e amigo de Blorna dos tempos do liceu e da faculdade), o qual – confidencialmente, bem entendido – completou a informação constante nos autos de interrogatório, juntando-lhe certas diligências das autoridades responsáveis pela investigação e os resultados das suas pesquisas, não incluídas nos mencionados autos. Fê-lo, como de resto não poderá em absoluto deixar de ser acrescentado, não para quaisquer efeitos oficiais, mas tão-só para uso privado, pois muito o afligiu a mágoa sentida pelo seu amigo Blorna, que, embora incapaz de encontrar explicações para tudo aquilo, não deixava de achar que «pensando bem no assunto, nada disto se me afigura inexplicável, mas antes quase lógico». Uma vez que, perante a postura da arguida e a difícil posição do seu advogado de defesa, o Dr. Blorna, o caso de Katharina Blum irá, de qualquer maneira, permanecer mais ou menos no domínio do fictício, e talvez certas pequenas irregularidades, tão da natureza humana, como são as que foram cometidas por Hach, resultem não apenas compreensíveis, mas sejam também perdoáveis. As fontes acessórias, algumas de maior importância, outras menos importantes, não carecem ser aqui mencionadas, já que o respectivo

envolvimento e as implicações daí decorrentes, as suas pertinência, parcialidade e perplexidade, os seus depoimentos, tudo emerge do próprio relato.

2

Dado que aqui tanto se fala de fontes, se de quando em vez o relato for percebido como «fluido», fica desde já feito o pedido de desculpas: foi inevitável que assim resultasse. Perante a existência de «fontes» e de um «fluxo», não se poderá falar de uma composição: deverá, em alternativa, introduzir-se talvez a noção de «convergência» (poder-se-ia até propor «condução»). A escolha deste termo deverá parecer óbvia para qualquer pessoa que em criança (ou até já como adulto) alguma vez tenha brincado em, junto ou *com* poças. Eram poças que se drenavam, se ligavam a outras através de canais, se esvaziavam, se fazia divergir, se desviavam, para trás e para diante, até que por fim se fazia *convergir* todo aquele potencial da água das poças, ali à disposição, para um único canal colector; daí poderia ser depois desviado para um nível inferior, possivelmente até da maneira adequada e conforme as normas, conduzindo-o de modo regular para uma vala de esgoto instalada pelas autoridades competentes. Proceda-se aqui, pois, a nada mais que uma espécie de drenagem, de secagem. Decididamente, um modo de pôr as coisas na ordem! Assim, quando em certas partes o curso desta narrativa intensifica o seu fluxo, o que se deve a diferenças e a ajustes de nível, apela-se a que haja alguma benevolência, pois afinal ocorrem também congestionamentos, represamentos, assoreamentos, há convergências fracassadas e fontes que «não podem de todo confluir e reunir-se», além de correntes subterrâneas, etc., etc.

3

Os factos que talvez se devesse começar por apresentar em primeiro lugar são de natureza brutal: no dia 20 de Fevereiro de 1974, uma quarta-feira, na véspera do Carnaval das Mulheres¹, uma jovem de vinte e sete anos, que vive em certa cidade, deixa o seu apartamento por volta das 18h45, para ir participar num pequeno baile privado.

Quatro dias mais tarde, após uma evolução dos acontecimentos – que não há como não considerar dramática (e deste modo faz-se referência aos necessários desníveis que permitem o fluxo) –, na noite de domingo, quase à mesma hora de alguns dias antes – mais precisamente, pelas 19h04 –, a jovem toca à campainha de casa de Walter Moeding, comissário da Polícia Criminal, que nesse preciso momento, por razões profissionais e não pessoais, se está a disfarçar de xequê. A jovem presta então um depoimento ao sobressaltado Moeding, em que lhe relata que nesse dia, por volta das 12h15, matou a tiro o jornalista Werner Tötges; Moeding deverá providenciar para que a porta do apartamento dela seja arrombada a fim de lá o irem «buscar»; ela própria andou a deambular pela cidade entre as 12h15 e as 19h00, à procura de arrependimento, mas foi incapaz de encontrá-lo; além do mais, solicita que procedam à sua detenção, pois gostaria de estar no mesmo sítio onde se encontra o seu «querido Ludwig».

Moeding, que já conhece a jovem de interrogatórios entretanto realizados e por ela sente uma certa simpatia, não duvida, por um momento que seja, da veracidade das declarações, pelo que a transporta na sua viatura pessoal para a sede da Polícia, comunica o depoimento ao seu superior, o comissário-chefe Beizmenne, manda conduzir a jovem a uma cela e um quarto de hora mais tarde encontra-se com Beizmenne diante do apartamento dela, onde um destacamento policial com formação específica arromba a porta e pode de seguida confirmar a veracidade das informações reportadas pela jovem.

1 Em alemão *Weiberfastnacht*: festa comemorada na quinta-feira antes do Dia de Carnaval, em Colónia (cidade nunca mencionada, mas onde se desenrola o romance). Nesse dia as mulheres disfarçam-se e assumem comportamentos desinibidos. [N. T.]

Não é tanto de sangue que aqui se pretende falar, pois apenas os desníveis *necessários* deverão ser considerados inevitáveis; para tal efeito, sugere-se que se recorra antes à televisão e ao cinema, àquelas produções que misturam o género do terror com o musical; se alguma coisa aqui deve fluir, que não seja o sangue. Talvez se devesse tão-só chamar a atenção para certos efeitos cromáticos: Tötges, atingido a tiro, tinha vestido um disfarce de xequ improvisado, que consistia num lençol já bastante puído, costurado para parecer uma túnica, e qualquer pessoa sabe que efeito uma boa quantidade de sangue vermelho consegue ter numa boa extensão de tecido branco; uma pistola quase forçosamente se transforma numa pistola de tinta, e uma vez que o pano daquele disfarce era de *linho*, como se se tratasse de uma tela, está-se neste caso bem mais próximo da pintura moderna e da cenografia do que propriamente da drenagem. Muito bem. São estes então os factos.

4

Durante algum tempo considerou-se que não seria de todo improvável que o fotojornalista Adolf Schöner, encontrado também ele morto a tiro, já só na Quarta-feira de Cinzas, numa faixa de bosque a oeste daquela cidade de foliões, tivesse igualmente sido vítima da Blum; contudo, num momento posterior, depois de se estabelecer uma certa ordem cronológica na sequência dos acontecimentos, tal suposição veio a mostrar-se «comprovadamente falsa». Um taxista declarou mais tarde que havia transportado Schöner, também ele vestido como xequ, na companhia de uma jovem disfarçada de andaluza, precisamente até àquele pedaço de bosque. Tötges, porém, fora já morto por volta do meio-dia de domingo, ao passo que Schöner só mais tarde, pelo meio-dia de quarta-feira. Embora não tenha tardado a apurar-se que a arma do crime encontrada junto a Tötges não poderia de modo algum ser a mesma arma que matara Schöner, durante algumas horas as suspeitas recaíram sobre a Blum, sobretudo tendo em conta a motivação. Admitindo que ela tinha tido razões para se vingar

de Tötges, tê-las-ia pelo menos em igual medida para se vingar de Schönner. Já o facto de a Blum poder eventualmente dispor de duas armas afigurou-se bastante inverosímil às autoridades que procediam à investigação. O crime de sangue que a Blum cometera fora levado a cabo com fria astúcia; quando mais tarde lhe perguntaram se também disparara sobre Schönner, ela forneceu, num tom ominoso, uma resposta disfarçada de pergunta: «Sim, já agora, porque não também ele?» A seguir, porém, prescindiu-se de considerá-la suspeita do assassinio de Schönner, tanto mais que as investigações empreendidas em relação ao seu álibi permitiram que, de forma quase inequívoca, ela fosse ilibada. Nenhuma pessoa que já conhecesse Katharina Blum ou que, no decurso do inquérito, tivesse ficado a conhecer o seu carácter duvidava sequer de que, caso ela tivesse com efeito assassinado Schönner, obviamente o admitiria. Em todo o caso, o taxista que conduzira o parzinho até àquele lugar no bosque («Eu cá chamaria àquilo antes um ermo com arbustos que cresceram à balda», declarou ele) não reconheceu a Blum em qualquer das fotos que lhe foram mostradas. «Meu Deus, dessas coisinhas bonitas e de cabelo moreno, entre um metro e sessenta e três e sessenta e oito, esguias e entre os vinte e quatro e os vinte e sete anos», comentou ele, «andam por aí às centenas de milhar na altura do Carnaval».

No apartamento de Schönner não vieram a ser encontrados quaisquer vestígios da Blum, nem quaisquer indícios relativos à tal andaluza. Colegas e conhecidos de Schönner nada mais souberam dizer além do facto de, na terça-feira, por volta do meio-dia, este se ter «pisgado com uma tipa qualquer» de um bar frequentado por jornalistas.

5

Um alto representante da organização do Carnaval, comerciante de vinhos e representante de marcas de espumante, que se gabava de ter conseguido recuperar a boa disposição geral, mostrou-se aliviado por ambos os crimes não terem sido tornados públicos senão na segunda-feira,

num dos casos, e na quarta-feira, no outro. «Uma notícia dessas no início dos dias de folia, e adeus à boa disposição e ao negócio. Se vier a público que há quem tire partido dos disfarces para cometer crimes, o bom ambiente vai-se num ápice e o negócio vai por água abaixo. Usar um disfarce para isso é um verdadeiro sacrilégio. Para a animação e o bom humor é preciso confiança; é isso que lhes serve de base.»

6

Deveras insólito foi o comportamento do JORNAL depois de os assassínios de dois dos seus jornalistas terem sido tornados públicos. Uma agitação de loucos! Cabeçalhos. Artigos de primeira página. Edições especiais. Obituários numa escala sobredimensionada. Como se – num mundo em que tantos tiros são disparados – o assassinio de um jornalista fosse qualquer coisa de especial, mais importante do que o assassinio de um director bancário, do que o homicídio do empregado de um banco ou do assaltante que tentou roubá-lo.

A atenção exagerada que a imprensa dedicou ao assunto deverá aqui ficar registada, já que não foi apenas o JORNAL, mas também outros diários que com efeito trataram o assassinio de um jornalista como um acto particularmente malvado e medonho, quase solene, poder-se-ia quase dizer que como o resultado de uma cerimónia ritual. Chegou até a escrever-se que Tötges fora «uma vítima da sua profissão» e, claro, o JORNAL manteve-se obstinadamente agarrado à versão que apresentava Schönner como uma vítima da Blum. E ainda que se tenha de admitir que é bem provável que Tötges não teria sido morto a tiro se não fosse jornalista (mas antes sapateiro ou padeiro), dever-se-ia também tentar apurar se não seria mais correcto falar antes de uma morte condicionada pela profissão exercida: em todo o caso ainda será esclarecido por que razão uma pessoa tão sensata e quase indiferente como a Blum não apenas planeou o homicídio, como também o executou e, no instante decisivo, por ela escolhido, não só agarrou na pistola, como também a fez disparar.

7

Larguemos este nível extremamente baixo para ascendermos a planos mais elevados. Deixemos de lado o sangue. Esqueçamos a agitação da imprensa. O apartamento de Katharina Blum foi entretanto limpo, os tapetes, sem préstimo que ficaram, foram parar ao contentor do lixo, o mobiliário foi esfregado com um pano húmido e arrumado de volta no sítio; tudo isso decorreu a expensas e por iniciativa do Dr. Blorna, que para tal tratou de obter autorização do seu amigo Hach, se bem que ainda nem sequer fosse certo que Blorna viesse a ser o administrador dos bens.

Em todo o caso, essa Katharina Blum investiu, ao longo de cinco anos, sessenta mil marcos em dinheiro vivo na compra de um apartamento próprio, avaliado em cem mil marcos; há pois ali «coisa que se veja, a que se pode fazer uma limpeza», como declarou o irmão dela, que entretanto cumpria uma pena de prisão leve. Mas quem iria então suportar os juros e a amortização dos quarenta mil marcos por pagar, ainda que se devesse levar em consideração um aumento de valor apreciável? Afinal, o que conta não são apenas os activos, mas também os passivos.

Seja como for há muito que Tötges está enterrado (não sem uma despropositada pompa, facto de que algumas pessoas se terão apercebido). Curiosamente, a morte de Schönner passou muito mais despercebida e o seu enterro não mereceu o mesmo destaque. Por que razão assim terá sido? Por este não ser «uma vítima da sua profissão», mas provavelmente antes vítima de um drama de ciúmes? O disfarce de xequé encontra-se depositado no arquivo destinado às provas; o mesmo se aplica à pistola (uma *Luger P08*), sobre cuja origem apenas Blorna está informado, ao passo que tanto a Polícia como o Ministério Público tentaram em vão apurar mais a esse respeito.

8

Só em relação aos primeiros dias é que as investigações a respeito das actividades da Blum ao longo dos quatro dias em causa progrediram a bom ritmo, mas o avanço abrandou assim que foi preciso indagar a respeito do domingo.

No decurso da tarde de quarta-feira, o próprio Blorna havia entregado a Katharina Blum os salários referentes a duas semanas inteiras de trabalho, pagas a duzentos e oitenta marcos cada uma; a semana que decorria e a semana seguinte, já que ele mesmo se iria ausentar na tarde de quarta-feira, para gozar umas férias de Inverno com a mulher. Katharina jurara aos Blorna, não se limitara a prometer-lhes, que iria por fim tirar umas férias e pretendia divertir-se durante o Carnaval, ao invés de, à semelhança de anos anteriores, encontrar um qualquer biscate num dos negócios ocasionais que surgiam durante aquela temporada. Num tom alegre, comunicara aos Blorna que havia sido convidada para um pequeno baile privado em casa de Else Woltersheim, que além de sua madrinha era também sua amiga e confidente; acrescentara que estava até bastante contente, pois há muito tempo que não lhe surgiam oportunidades de poder dançar. Ao que a Sra. Blorna lhe respondeu: «Ora espera, *Kathrinchen*, assim que regressarmos organizamos uma festa e logo poderás dançar.» Desde que vivia na cidade, há uns cinco ou seis anos, por diversas vezes se queixara Katharina da impossibilidade de «se sair até qualquer sítio para simplesmente ir dançar». Segundo relatara aos Blorna, havia aquelas baiucas onde os estudantes mais inibidos apareciam em busca de uma pega que lhes fizesse uma borla, depois havia aqueles locais para gente boémia que também lhe pareciam um tanto devassos; por outro lado, ela detestava aqueles bailes organizados por associações religiosas.

Não foi difícil de apurar que, na tarde dessa quarta-feira, Katharina foi ainda trabalhar duas horas em casa do casal Hiepertz, onde de vez em quando e a pedido costumava dar uma ajuda. Como também os Hiepertz se iriam ausentar da cidade durante os dias do Carnaval para ir visitar a filha, em Lemgo, Katharina deu uma boleia ao casal de

idosos no seu *Volkswagen*, tendo-os deixado na estação de comboios. Apesar das consideráveis dificuldades que tivera em estacionar, insistira em acompanhá-los até à gare e levar-lhes as malas. («Não o faz pelo dinheiro, nada disso. Nem lhe podemos oferecer qualquer compensação por tais obséquios, isso deixá-la-ia profundamente magoada», esclareceu a Sra. Hiepertz.) O comboio partiu comprovadamente às 17h30. Se se quiser conceder uns cinco a dez minutos a Katharina para, no meio da agitação carnavalesca que começava então a fazer-se sentir, encontrar o seu carro, se se lhes acrescentar mais uns vinte ou até vinte e cinco minutos para se dirigir ao seu apartamento situado num complexo residencial fora da cidade, onde decerto não teria chegado antes das 18h, talvez entre essa hora e as 18h15 não restará qualquer minuto por explicar; o mesmo se aplicará se, com toda a justiça, se lhe quiser ainda conceder a possibilidade de se ter ido lavar, trocar de roupa e comer qualquer coisa, até por fim comparecer por volta das 19h25 em casa da Sra. Woltersheim, para a festa. Não se deslocou de carro, tendo antes apanhado o eléctrico, e também não se disfarçou de beduína nem tão-pouco de andaluza; limitou-se a adornar o cabelo com um cravo vermelho, calçou meias e sapatos vermelhos, vestiu uma blusa de seda cor de mel, abotoada até acima, e uma saia comum de *tweed*, da mesma cor. Poder-se-á considerar indiferente se Katharina se deslocou para a festa no seu próprio carro ou se apanhou o eléctrico, mas há que mencioná-lo aqui, uma vez que no decurso do inquérito tal se revestiu de considerável importância.

9

A partir do momento em que ela entrou no apartamento de Woltersheim, a investigação teve o seu trabalho facilitado, já que das 19h25 em diante, mesmo sem o saber, Katharina esteve sob observação policial. Ao longo de todo o serão, passou o tempo a dançar «exclusivamente e de modo íntimo», como ela própria mais tarde veio a declarar, com um

tal de Ludwig Götten; esteve ali entre as 19h30 e as 22h00, altura em que deixou o apartamento, na companhia desse indivíduo.

10

Não se deverá aqui deixar de demonstrar gratidão ao procurador Peter Hach, pois é única e exclusivamente a ele que se deve o acesso a uma informação, que raia o mexerico interno dos corredores da justiça, segundo a qual o comissário Erwin Beizmenne, da Polícia Criminal, deu ordens para que fossem feitas escutas aos telefones da Woltersheim e da Blum logo a partir do momento em que a Blum deixou o apartamento da Woltersheim na companhia de Götten. O modo como tal sucedeu será porventura digno de ser mencionado: em casos destes, Beizmenne telefonava ao superior competente para esse efeito e dizia-lhe assim: «Vou precisar de novo dos meus drenos. Desta vez são dois.»

11

Ao que parece, Götten não terá realizado qualquer telefonema do apartamento de Katharina. Em todo o caso, Hach nada sabia a esse respeito. Certo é que o apartamento de Katharina passou a estar rigorosamente vigiado; ao constatar-se que até às 10h30 de quinta-feira não só não tinham sido realizados quaisquer telefonemas como também não se vira o próprio Götten a deixar o apartamento, Beizmenne começou a enervar-se e, estando prestes a perder a paciência, procedeu-se à invasão do dito apartamento, com o apoio de oito operacionais da Polícia fortemente armados. A casa foi verdadeiramente tomada de assalto, cumpriram-se as mais exigentes medidas de precaução, foi passada busca a toda a área, mas já não se encontrou Götten, apenas Katharina, «com um ar extremamente descontraído, quase de felicidade», de pé, encostada ao aparador da cozinha, a beber café de uma

caneca larga, enquanto ia trincando uma fatia de pão de trigo barrada com manteiga e mel. A sua atitude afigurou-se suspeita, na medida em que não reagiu com surpresa, transmitindo antes um ar sereno, «senão mesmo triunfante». Trazia vestido um roupão de banho, com margari-das bordadas, sem qualquer outra peça de roupa por baixo, e quando o comissário Beizmenne lhe perguntou («de um modo bastante rude», como mais tarde ela veio a relatar) onde se enfiara Götten, respondeu não saber ao certo quando Ludwig deixara o apartamento. Declarou que acordara às 9h30, mas que a essa hora ele já saíra. «Sem sequer se despedir?» «Sim.»

12

Dever-se-á aqui ficar a conhecer uma pergunta extremamente controversa que Beizmenne terá feito, a qual foi certa vez relatada por Hach, que de seguida o negou, para mais tarde voltar a contá-lo e uma segunda vez vir a negá-lo. Blorna considera esta pergunta importante, pois acredita que, tendo ela efectivamente sido feita, terá sido nesse preciso momento e em nenhum outro que poderão ter tido início o azedume, a vergonha e a fúria sentidos por Katharina. Uma vez que tanto Blorna como a sua mulher descrevem Katharina Blum como sendo extremamente sensível, quase pudica, em tudo o que diga respeito ao sexo, há aqui que considerar seriamente a possibilidade de Beizmenne – também ele motivado por um extremado acesso de fúria pelo desaparecimento de Götten, cuja presença ali ele dava como mais do que certa – ter colocado a tal pergunta controversa. Ao ver Katharina encostada ao aparador com uma provocante serenidade, o comissário *terá* questionado: «E então, ele fodeu-te?» A isso terá Katharina reagido com um forte rubor, mas em tom de soberbo triunfo haverá dito: «Não, não lhe chamaria isso...»

Pode com toda a certeza admitir-se que, a partir do momento em que Beizmenne *terá* feito essa pergunta, jamais teria podido surgir qualquer relação de confiança entre ele e Katharina. O facto de efectivamente

não se ter vindo a estabelecer qualquer relação de confiança entre os dois – embora Beizmenne, que não é considerado «assim tão má pessoa», o tenha comprovadamente tentado – não deverá ser tomado como prova inequívoca de que, na verdade, ele colocou tal ominosa questão. Em todo o caso, Hach, que esteve presente na busca domiciliária, é tido entre os seus conhecidos e amigos como um tipo pudico e introvertido, pelo que seria de todo possível que fosse a ele mesmo que tivesse ocorrido uma ideia tão grosseira, ao ver a Blum, extremamente atraente, ali encostada, de modo quase indiferente, ao aparador, que tivesse gostado de ser ele a fazer tal pergunta ou até mesmo a com ela praticar o dito acto, assim referido de um modo tão rude.

13

Em seguida, o apartamento foi passado a pente fino, alguns objectos foram apreendidos, sobretudo papéis escritos. Katharina Blum pôde vestir-se na casa de banho, na presença da agente Pletzer. No entanto, não pôde fechar a porta da casa de banho por completo; ficou rigorosamente vigiada por dois agentes armados. Foi permitido a Katharina levar consigo a mala de mão e, uma vez que não era de excluir a hipótese de vir a permanecer sob detenção, pôde também levar alguns objectos pessoais, incluindo roupa de dormir, uma bolsa de *toilette*, bem como um livro. A sua biblioteca consistia em quatro romances de amor, três policiais e ainda uma biografia de Napoleão e outra da rainha Cristina da Suécia. Todos eles haviam sido adquiridos ao mesmo clube do livro. Tendo em conta que ela insistia em perguntar, «Mas porquê, a que se deve isto, o que foi que eu fiz de mal?», a agente Pletzer da Polícia Criminal acabou por, de um modo bem-educado, informá-la de que Ludwig Götten era um criminoso há muito procurado, cuja culpabilidade no assalto a um banco estava praticamente provada e que era suspeito de ter cometido um homicídio e outros crimes.

Descrito não como um romance, e muito menos «um romance sobre terroristas», *A Honra Perdida de Katharina Blum* é antes, segundo o próprio autor, «um panfleto disfarçado de narrativa, um escrito polémico», ou, muito simplesmente, «uma história de amor», que opõe uma boa rapariga, uma simples e honesta empregada doméstica que se apaixona casualmente por um homem procurado pela Polícia, a um poderoso jornal sensacionalista: vendo-se arrastada para o centro de uma campanha difamatória, e perante a «violência dos cabeçalhos» e a total destruição da sua vida privada, Katharina Blum é forçada a ir até às últimas consequências para defender a sua honra e dignidade.

Retrato ferozmente crítico de uma sociedade alemã dividida e em convulsão, *A Honra Perdida de Katharina Blum* foi originalmente publicada em 1974 e adaptada ao cinema no ano seguinte, tornando-se um dos livros mais célebres do Prémio Nobel Heinrich Böll, bem como da literatura europeia do pós-guerra.

Edição que inclui um posfácio do autor.

«Uma maravilha de concisão e ironia.»

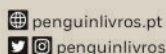
Sunday Telegraph

«Heinrich Böll distorce as falsas verdades à maneira de um fascismo que imaginávamos esquecido.»

L'Humanité



Penguin
Random House
Grupo Editorial



penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN 9789896233501



9 789896 233501 >